

Anais do XXX Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte

Arte > Obra > Fluxos

Local: Museu Nacional de Belas Artes,
Rio de Janeiro,
Museu Imperial, Petrópolis, RJ
Data: 19 a 23 de outubro de 2010

Organização:
Roberto Conduru
Vera Beatriz Siqueira

texto extraído de

**Arte e imagem:
contextos,
migrações,
contaminações**

A fotografia de Luiz Braga: uma discussão da pintura numa perspectiva conceitual

Joaquim Cesar da Veiga Netto

Doutorando/ UFRJ

Resumo

Este texto se propõe discutir as correspondências entre fotografia e pintura nos trabalhos do fotógrafo paraense Luiz Braga. Busca situar tal relação no limiar do espírito que considera a presença do fotográfico na arte contemporânea. Procura refletir sobre a visibilidade das imagens na fronteira do pictórico, onde questiona os limites entre realidade e ficção, entre arte do fotógrafo e fotografia do artista, entre pintura e fotografia.

Palavras chave

fotografia contemporânea, cultura visual, imagem

Abstract

This paper aims to discuss the connections between photography and painting in the work of photographer Luiz Braga who lives in the state of Pará. Seeks to situate this relationship on the threshold of the spirit which considers the presence of photography in contemporary art. Attempts to reflect on the visibility of the images on the border of the pictorial, which questions the boundaries between reality and fiction, art of the photographer and artist photography, between painting and photography.

Keywords

contemporary photography, visual culture, picture

Este trabalho aborda questões relacionadas ao campo da fotografia recuperando o que autores fundamentais têm apresentado como contribuição para se pensar este assunto, entre eles: Barthes, Dubois, André Rouillé, Jacques Aumont, Jean-Claude-Lemagny, Charlotte Cotton, Nelson Brissac, Arlindo Machado, entre outros. Neste sentido, a nossa ambição consiste no estudo de um recorte da produção fotográfica de Luiz Braga, procurando situar tais questões no limiar desse espírito que considera a presença do fotográfico na arte contemporânea, onde a fotografia deixou de ser apenas um processo técnico/químico de reprodutibilidade, documentação e registro para se tornar um processo artístico que busca desconstruir a normatização presente nos equipamentos e deles tirar partido. Assim, vale lembrar da formulação de Walter Benjamin em *A pequena história da fotografia*, onde comenta que “Não se pergunta mais se a fotografia é arte, mas se a arte, hoje, trabalha fotograficamente”.

Luiz Braga nasceu em Belém (Pará) em 1956, e iniciou-se na fotografia aos 11 anos. Além das cenas de família e paisagens, ilustrava os relatórios médicos de seu pai. Neste período, Braga revelava suas fotos em laboratórios improvisados no porão de sua casa. Em 1975, ele inicia a trajetória profissional nas áreas de retrato, publicidade e ingressa na Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Pará (UFPA), onde se forma em 1983. Atua como colaborador no jornal *O Estado do Pará*, em 1978, e cria o tablóide *Zeppelin*, no qual exerce as funções de editor e fotógrafo até 1980. Em 1979, Luiz Braga realiza sua primeira mostra individual, *I Portifólio*, com retratos, cenas de rua e de trabalhadores ribeirinhos em preto-e-branco. Integra o projeto *Visualidade Popular na Amazônia*, promovido pela Fundação Nacional de Arte - FUNARTE, em 1982. Com base nessa experiência, seus ensaios tornam-se predominantemente coloridos e passam a focar a cultura visual, a população, a luz e as cores dos portos, barcos, periferias, bares, mercados tradicionais, parques, balneários e elementos visuais da paisagem amazônica.

A questão mais evidente no cometário da crítica de arte nacional e internacional, na última década, é que Luiz Braga possui uma produção fotográfica que discute a pintura a partir de um ponto de vista conceitual. Isto é, uma produção onde os apelos sintáticos e semânticos presentes no campo da visualidade popular, são redimensionados (traduzidos) para o campo da visualidade fotográfica, através de um percurso particular que acentua o procedimento adotado, a técnica e as questões peculiares na constituição de seus trabalhos, no qual uma região de limites delicados entre a pintura e a fotografia ganha um aspecto sublime.

Luiz Braga tem uma técnica experimental e uma forma de enquadramento clássico. Ele é o fotógrafo atento, que registra a região amazônica e seus habitantes sem o exotismo do olhar estrangeiro. E, como diz Fernandes Junior (1992), Luiz Braga trabalhando a questão da cor com domínio, síntese e maturidade, ele consegue evidenciar uma luz misteriosa que estimula a imaginação. Desta forma, sua produção, através do confronto da luz natural com luz artificial registra a ambigüidade do momento da passagem da luz do dia para a luz da noite, e provoca a incômoda sensação de questionar as fronteiras entre a realidade e a ficção, entre a arte do fotógrafo e a fotografia do artista, entre fotografia e a pintura a partir da articulação da luz e cor. Com relação a esta questão podemos

considerar o que Ivo Mesquita (curador da 28ª Bienal de São Paulo) apresenta, ao justificar a escolha do fotógrafo Luiz Braga para compor a mostra do Pavilhão Brasileiro da 53ª Bienal de Veneza:

“A fotografia de Braga é sobre pintura pela maneira que constrói e articula suas imagens, distanciando-se dos conteúdos sociológicos ou antropológicos que se poderia esperar de um artista da Amazônia”. (MESQUITA, 2009, p. E11, grifo nosso)

A produção fotográfica deste artista ao se inserir na fronteira do pictórico numa perspectiva conceitual deixa de ser a materialização de uma idéia relacionada com aquela visualidade amazônica para transformar-se na concepção que ele enquanto artista tem da fotografia e da arte. A matéria arte se reafirma como algo mental e, mais especificamente, com limites tênues na relação entre a pintura e a fotografia, num contra ponto com uma idéia mais tradicional, que envolveu a arte e fotografia no século XIX e meados do século XX, onde a imagem se opõe a obra de arte, produto do trabalho, do gênio e do talento manual do artista.

Sem dúvida o efeito da ‘realidade’ das fotografias deste artista tendem sempre a se superpor à percepção dos arranjos e normatização que a câmera impões. Luiz Braga busca uma conjugação entre a técnica fruto de ‘muita pesquisa e experimentação’ e o enquadramento clássico que muitas vezes lembra a solução de algumas composições articuladas no campo da pintura e emblemáticas na história da arte ocidental. Neste sentido, podemos afirmar que ele, em muitos trabalhos, consegue soluções a partir de arquétipos pictóricos ‘construído ao longo de suas vivências’, ou da vivência coletiva ocidental. Considerando estes aspectos da subjetividade, Arlindo Machado, em *A ilusão especular: introdução à fotografia* (1984), expôs que todo fotógrafo, quando cria uma imagem técnica, utiliza sua bagagem cultural e ideológica, consciente ou inconscientemente, e ressalta que algumas imagens parecem mostrar que boa parte das fotografias tenha depositado seu impacto na coincidência com certos arquétipos pictóricos que povoam o inconsciente da civilização (MACHADO, 1984: 62). E, ainda, Flusser (2002: 14) afirmou que “a aparente objetividade das imagens técnicas é ilusória, pois na realidade são tão simbólicas quanto o são todas as imagens. Devem ser decifradas por quem deseja captar-lhes o significado”.

Com estas constatações não queremos retornar ao dilema se a fotografia dos artistas tem poucos pontos em comum com a fotografia dos fotógrafos, que continua polarizada na questão da representação - esforçando-se, literalmente, para reproduzir as aparências (como a fotografia documento); ou afasta-se delas (como a fotografia expressão); ou deliberadamente as transformar (como a fotografia artística). Embora distintas, a fotografia dos fotógrafos e a fotografia dos artistas, uma e outra têm em comum o fato de serem evidentemente plurais. E, ainda, Rouillè (2009:287-288) afirma que antes de tornar-se material da arte contemporânea (desde os anos 1970, Christian Boltanski afirmava “pintar com a fotografia”), a fotografia desempenhou, alternadamente, o papel de refúgio da arte (com o impressionismo), de paradigma da arte (com Marcel Duchamp), de ferramenta da arte (com Francis Bacon e, de modo diverso, com Andy Warhol) e

de vetor da arte (nas artes conceitual e corporal e na *land art*), ou seja, preencheu funções utilitárias, veiculares, analíticas, críticas e pragmáticas.

Luiz Braga ao focalizar a cultura visual amazônica, a luz e as cores dos portos, barcos e elementos visuais desta paisagem, mostra, simultaneamente a sua dimensão comprobatória (a de ser uma prova da existência “ontológica” de um objeto), e outra dimensão, a puramente simbólica, que desarticula o real (viciado na tradição figurativa), ao promover e incentivar laços com o inconsciente. Assim, suas fotografias não deixam de perturbar a consciência dos espectadores com visões menos oficiais daquilo que foi retratado, e passam a ser “menos ameaçadoras” ao se afastar de um supra-realismo advindo do obturador. Há, portanto, uma trama de relações entre o realismo fotográfico, o efeito do inesperado provocado pelo obturador, e o ato de pintar com a luz e a cor. Em outras palavras, é o conflito entre a cena registrada e o que ela carrega de memória e de associações que possibilita este ato de refinada experimentação técnica em suas fotografias.

Desta forma, considerando a leitura do sujeito espectador, por intermédio da separação, deste olhar interminável que se evolui, outro elemento atravessa a relação da fotografia com a memória e com o imaginário do fotógrafo. O ato fotográfico não tem aparentemente condições de controlar por completo o instante exato em que o obturador dispara. Isso significa que o momento do clic é por natureza ‘acidental’, uma vez que carrega sempre detalhes imprevisíveis ou indesejáveis àquilo que o fotógrafo enquadrado, selecionou ou viu. Barthes (1984: 46) nomeia este instante de *punctum*, momento singular, surpreendente, muito próximo do aleatório e do acaso.

Enfim, se assim for, como diz Arlindo Machado (1984:62) é possível que estejamos superpondo à foto determinados protótipos iconográficos acumulados ao longo de quase cinco séculos da imagem figurativa, como parecia intuitivo a Berger e a Sontag. E, tendo em vista, as fotografias de Luiz Braga, podemos dizer que o artista opera na fronteira do pictórico, isto é, provoca uma incômoda sensação de questionar as fronteiras entre a realidade e a ficção, entre a arte do fotógrafo e a fotografia do artista, entre a pintura e a fotografia, numa articulação que envolve o realismo fotográfico, o efeito do inesperado provocado pelo obturador e o ato de pintar com a luz e cor.

Referências Bibliográficas

- AUMONT, Jacques. O olho interminável. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.
- BARTHES, R. A câmara clara. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In Obras escolhidas. 2ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- COTTON, Charlotte. A fotografia como arte contemporânea. Martins Fontes, 2010
- CHIARELLI, Tadeu. Considerações sobre o uso de imagens de segunda geração na arte contemporânea. In BASBAUM, Ricardo(Org.). Arte contemporânea brasileira. Rio de Janeiro: Rio Ambiciosos, 2001.
- DUBOIS, Philippe. O ato fotográfico. São Paulo: Papirus, 1993.
- FERNANDES JUNIOR, Rubens. Luiz Braga. IrisFoto, São Paulo, n. 453, p. 34-39, abr./maio 1992.
- FLUSSER, Vilém. *Filosofia da caixa preta*: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. São Paulo: Relume Dumará, 2002.
- KRAUSS, Rosalind. O fotográfico. Barcelona: Gustavo Gili, SA, 2002.
- LEMAGNY, Jean – Claude. La sombra y el tiempo: ensayos sobre la fotografía como arte. – 1ª ed. – Buenos aires: la marcha editora, 2008.
- MACHADO, Arlindo. A ilusão especular - Introdução à fotografia. São Paulo: Brasiliense/Funarte, 1984.
- MAGALHÃES, Angela & PEREGRINO, Nadja, (org). Amazônia, O Olhar Sem Fronteiras. Rio de Janeiro: Funarte, 1998.
- MAGALHÃES, Angela; PEREGRINO, Nadja, (org). Fotografia no Brasil: um olhar das origens ao contemporâneo. Rio de Janeiro: Funarte, 2004.
- MANESCHY, Orlando. Sequestros: imagem na arte contemporânea. Belém-PA: EDUFPA, 2007.
- MITCHELL, W. J. Thomas. Iconology: image, text, ideology. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.
- MITCHELL, W. J. Thomas. Picture theory. Chicago: The University of Chicago Press, 1994.
- NUNES, Benedito. Amazônia reinventada. In Amazônia: olhar sem fronteiras. Rio de Janeiro, FUNARTE: 1998.
- OURIQUES, Evandro Vieira (org.). Artes Visuais na Amazônia: reflexões sobre uma Visualidade Regional. Projeto Visualidade Brasileira – INEP/FUNARTE. Rio de Janeiro: Funarte, 1984.
- PEIXOTO, Nelson Brissac. Paisagens Urbanas. São Paulo: Editora Marca d'Água, 1996.
- PEREGRINO, Nadja (Org). Luiz Braga: anos-luz. Rio de Janeiro: Centro de Artes da UFF/Setor de Fotografia, 1994.